

TOMIE OHTAKE INFRAVERMELHO

Tomie Ohtake, *Sem título*, 1995

Foto: Flávio Freire



Mais de quinze pinturas, majoritariamente dos anos 1990, quando a artista consolidou o uso de tinta acrílica; uma escultura em tubo metálico pintado de branco; e um conjunto nunca mostrado ao público – estudos para suas obras – compõem a mostra exibida na Galeria Nara Roesler, São Paulo, em parceria com o Instituto Tomie Ohtake.

A diretoria artística é assinada por Paulo Miyada, curador-chefe do Instituto

“Infravermelho” reúne trabalhos majoritariamente desenvolvidos ao longo da década de 1990, quando a artista consolida a transição, iniciada dez anos antes, do uso de tinta acrílica em detrimento da tinta a óleo. O uso dos pigmentos diluídos em água permitiu que Tomie explorasse as transparências, as veladuras, a fluidez, de uma forma que não teria sido possível com a tinta óleo, em que os solventes são mais espessos, além de altamente tóxicos.

“A água é a própria noção de fluidez, e isso deu à Tomie a possibilidade de lidar com texturas que são menos controladas do que as da pintura a óleo”, observa Paulo Miyada. *“Uma pincelada muda a cor e a densidade, e as obras caminham para uma composição mais sintética”*. Ele explica que nos anos 1960 as obras de Tomie tinham o fundo mais claro, onde *“flutuavam retângulos, quadrados de cor. Nos anos 1970 e 80, o fundo foi sumindo e os planos coloridos se expandiram, com bordas bem definidas”*.

GRANDE PLANO DE COR/ANALOGIAS CÓSMICAS

Paulo Miyada conta que foi na década de 1990 que Tomie afinou sua atenção às gestualidades pictóricas na sobreposição de camadas e transparências, tendo uma coleção de formas arquetípicas como seu objeto recorrente. *“Ao passar para a tinta acrílica, é como se a pintura fosse feita somente de fundo, e se condensa em formas sintéticas; círculos, manchas, elipses. Cada tela se torna um grande plano de cor. Tomie fez um mergulho em formas sintéticas, explorando transparências, gestos, luz, sombra, sobreposições”*.



Tomie Ohtake,
Sem título, 1994
Foto: Flávio Freire



Tomie Ohtake,
Sem título, 1994
 Foto: Flávio Freire

Ele ressalta também que o trabalho abstrato de Tomie Ohtake sempre foi altamente evocativo, e provoca emoções, sensações, estimula o campo cinestésico. *“As pessoas projetam algum tipo de associação, de emoção, até as associações analógicas, vendo imagens aquáticas ou cósmicas, planetas, lua, sol. As analogias cósmicas no trabalho da artista foram muito fortes nos anos 1990”*. Essa aproximação, já percebida por críticos como Frederico Morais e Miguel Chaia, foi fundamental para a definição do título da exposição.

“As imagens do cosmo que conhecemos são alimentadas por um imaginário construído desde os primórdios da humanidade, e sempre do ponto de vista da Terra. Agora, vemos imagens do espaço sideral registradas pelo James Webb”, diz. Os complexos

equipamentos do maior telescópio espacial já construído detectam radiação infravermelha além do espectro visível, enxergando através de densas nuvens de gás que bloqueiam luz, revelando assim regiões escondidas do universo, como estrelas-anãs, nebulosas, galáxias em formação, exoplanetas e muito mais. As imagens obtidas são originalmente muito escuras, e resultado de múltiplas exposições, e muitos filtros de suas câmeras são capazes de focar elementos específicos como moléculas. É longo o processo de decodificar essas imagens, até serem coloridas e detalhadas com o uso de computadores e uma equipe altamente especializada.

“Essas imagens têm uma interação técnico-científica com o imaginário humano acumulado. Mesmo tecni-

camente não sendo capazes de enxergarmos o infravermelho, quem pode dizer que não somos? A tecnologia enxerga além do que o ser humano percebe, e talvez ela mostre algo que intuíssemos, mas que não víamos. Enxergar através de nuvens cósmicas cria nova camada de transparência. É um encontro com algo muito simples, mas repleto de nuances, que tem uma escala meio imensurável, inapreensível, e faz uma analogia com as obras de Tomie”, completa o diretor artístico.

As duas primeiras das salas de “*Infravermelho*” têm uma intervenção expográfica do arquiteto e designer Rodrigo Ohtake, neto da artista e vice-presidente do Instituto Tomie Ohtake. Ele criou uma segunda pele nas paredes das salas, com um painel de chapas metálicas perfuradas, em um plano sinuoso que envolve esses espaços.

SOBRE TOMIE OHTAKE

Tomie Ohtake é uma das artistas integrantes da 60ª Bienal de Veneza, “*Stranieri Ovunque / Foreigners Everywhere*” – 20 de abril a 24 de novembro de 2024 –, que tem como curador o brasileiro Adriano Pedrosa. Seu trabalho encontra-se no núcleo histórico modernista latino-americano e diaspórico.

Nascida no Japão em 1913, Tomie Ohtake se mudou para o Brasil em 1936, onde se naturalizou e permaneceu até o final de sua vida. A artista iniciou sua trajetória artística tardiamente, em meados da década de 1950, momento no qual eclodia a abstração na arte

brasileira, tanto as de caráter geométrico, como as de natureza informal/gestual. Tomie, contudo, não se filiou a nenhuma das duas vertentes, embora tenha estabelecido um diálogo com ambas, e criou uma abstração de sentido cósmico, combinando gestualidade e geometria.

Paulo Miyada destaca que “*Tomie sempre defendeu o encontro de cada pessoa com a obra de arte, e evitou qualquer aspecto que limitasse ou roteirizasse este momento. Ela não nomeava suas obras, nem assinou manifestos de arte ou participou de algum grupo organizado, porque isso poderia limitar tanto os artistas, como principalmente o público. Ela evitava interferências na experiência, na espontaneidade do instante, tanto para quem faz a obra como para quem vê*”.

Tomie Ohtake,
Sem título, 1994
Foto: Flávio Freire





Tomie Ohtake,
Sem título, 1995
Foto: Flávio Freire

Uma das principais representantes da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake iniciou sua carreira artística aos 37 anos, quando se tornou membro do grupo Seibi, que reunia artistas de ascendência japonesa. No final da década de 1950, ao deixar para trás a fase inicial de estudos figurativos na pintura, mergulhou em explorações abstratas. Neste período, realizou a série conhecida como *“Pinturas cegas”*, em que suprimia a visão para experimentar e desafiar as ideias fundamentais do movimento neoconcreto brasileiro, trazendo à tona em sua prática sensibilidade e intuição.

Em 1957, convidada pelo crítico Mário Pedrosa, fez sua primeira exposição individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), que culminou, quatro anos depois, em sua participação na Bienal de São Paulo de 1961. Tomie Ohtake começou a experimentar vários métodos de impressão durante os anos de 1970 e, já no final da década de 1980, executou projetos es-

culturais de grande escala, assim como esculturas públicas em São Paulo e nas cidades vizinhas. Tendo trabalhado até o fim na vida, Tomie Ohtake faleceu em 2015, aos 101 anos de idade.

Seus trabalhos foram exibidos em muitas exposições. Entre as individuais mais recentes, encontramos: *“Tomie Ohtake Dançante”*, no Instituto Tomie Ohtake (ITO), em São Paulo, em 2022; *“Persistência do visível”*, na Nara Roesler, em Nova York, em 2021; *“Tomie Ohtake: cor e corpo”*, na Caixa Cultural Brasília, em Brasília, 2018; *“Tomie Ohtake: nas pontas dos dedos”*, na Nara Roesler, em São Paulo, 2017; *“Tomie por Tizuka Yamasaki”*, no Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo, em 2015. Principais coletivas recentes incluem: *“Action, Gesture, Paint: Women Artists and Global Abstraction 1940-70”*, na Whitechapel Gallery, em Londres, em 2023; *“Raio-que-o-parta: Ficções do moderno no Brasil”*, no Sesc 24 de Maio, em São Paulo,

em 2022; *“Composições para tempos insurgentes”*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), no Rio de Janeiro, em 2021; *“Surface Work”*, na Victoria Miro, em Londres, em 2018; *“Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz”*, no Museu Coleção Bernardo, em Lisboa, em 2017; *“Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA’s Collection”*, no Art Museum of the Americas, em Washington, em 2013. Suas obras estão em importantes coleções, como: Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas; Dallas Museum of Art, Dallas, Estados Unidos; M+, Hong Kong; Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York; Mori Art Museum, Tóquio; Museu de Arte Mo-

derna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Tate Modern, Londres.

SERVIÇO

Tomie Ohtake – Infravermelho

Até 8 de junho

Nara Roesler, São Paulo

Avenida Europa, 655, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2039-5454

info@nararoesler.art

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;
sábado, das 11h às 15h | Entrada gratuita

<https://nararoesler.art/>



Tomie Ohtake,
Sem título
Foto: Flávio Freire